

# CONCLUSÃO DA TESE DE ONDINA PEREIRA BOSSLE

As análises realizadas neste trabalho objetivaram não somente demonstrar as condições específicas da gênese da industrialização catarinense e sua integração no contexto nacional, mas também reavaliar as proposições que a nível teórico têm dominado a historiografia contemporânea sobre a industrialização brasileira.

Entre outras constatações, esta pesquisa revelou que as origens do capital industrial não se coadunam com as interpretações adotadas pelos teóricos dos “choques adversos”, nem com tendências formalizadas pelo enfoque do “capitalismo tardio” e tampouco às críticas conturbadas pelo radicalismo.

A industrialização catarinense não teve suas raízes implantadas nas interrelações dinâmicas do café-indústria, mas sim na relação do comércio importador e exportador, adicionada à experiência e visão empresarial dos imigrantes. De uma economia de subsistência criaram-se excedentes, proporcionando o surgimento do comércio, primeiro entre o campo e a cidade e posteriormente interestadual. Com o desenvolvimento do comércio, já em bases monetárias, acumulou-se o capital necessário para uma incipiente indústria de origem familiar, nos primórdios dos anos de 1880.

Não se pode concordar nem com as teses de que café e indústria são partes integrantes de acumulação da capital, nem com a ideia de que a industrialização catarinense se pronunciou na crise do comércio internacional, ocorrida na Inglaterra, e depressão de 1929.

À sombra da política de valorização do café, a industrialização se desenvolve. Aproveita-se as fases em que o câmbio é valorizado e as tarifas mais baixas para importar os bens de capital a preços mais acessíveis compondo assim a capacidade produtiva. Também revelou esta pesquisa que o episódio chamado “encilhamento”, não foi fator de estímulo à industrialização catarinense, conforme lhe tem-se atribuído. A crise externa gerada pela 1ª Guerra Mundial, restringiu-se no caso catarinense, à utilização da capacidade produtiva instalada no período que a antecedeu, quando a substituição da importação impõe a natural valorização do produto nacional. Por esta conseqüente valorização, a produção industrial se eleva satisfatoriamente, canalizando lucros que foram alocados em novos investimentos manufatureiros mais diversificados e dando espaço para empreendimentos industriais que atendiam naquele período a nível local com equipamentos ainda artesanais.

Os lucros auferidos no transcorrer da guerra e reaplicados na década de 1920 foram estimulados pela alternância da política cambial, que compensa as indústrias pré-existentes pela desvalorização e as novas pela valorização do mil réis. Para as primeiras, correspondia a uma maior oportunidade de aproveitar a sua capacidade produtiva, intensificando a produção. Enquanto às recém-instaladas, os investimentos eram facilitados pela importação.

Pelas evidências produzidas pelos indicadores utilizados, demonstrou-se que em Santa Catarina não ocorreu estagnação industrial no período pós 1ª Guerra.

O contínuo crescimento da indústria catarinense permitiu o início da sua inserção no desenvolvimento brasileiro, com todos os riscos das crises internacionais que afetam naturalmente a conjuntura econômica de um país dependente do comércio exterior. Contudo, apesar dos riscos, por sua estrutura industrial e independência do comércio cafeeiro, estas crises tiveram, proporcionalmente, pouco impacto na economia catarinense. Se em 1921-22 a crise chegou a ser sentida, o mesmo não ocorreu em 1929, quando o comércio exportador catarinense, já refeito do primeiro susto, conseguiu manter-se sem grandes traumas.

Quanto à política de recuperação, aplicada pelo governo na década de 1930, embora com intuito implícito de proteger o setor exportador cafeeiro, possibilitou o reconhecimento nacional e internacional dos produtos têxteis, enquanto incentivou tanto a produção carbonífera quanto a indústria metalúrgica. Assim, se a depressão de 1929 não motivou a transferência de outros recursos para o setor industrial, o conjunto de medidas em favor da recuperação econômica foi a patrocinadora destas transformações econômicas, cabendo a Santa Catarina completar a integração no mercado nacional iniciado internamente.

Ao terminar o 2º conflito mundial encontra-se a indústria têxtil consolidada em sua posição, a carbonífera na conquista de maiores garantias, às indústrias de avicultura e suinocultura despontando para o futuro o aço tentando ocupar melhores posições ao lado de outros concorrentes.

Por todas estas evidências, conclui-se que é necessário realizar vários estudos não só de “casos”, mas também regionais, em bases empíricas, para que se possa entender toda a complexidade do processo de industrialização brasileira.

BOSSLE, Ondina Pereira. **História da industrialização catarinense**: das origens à integração no desenvolvimento brasileiro. Florianópolis: CNI/FIESC, 1988.